



Protestantismo em Revista é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

## A atualidade da teologia da libertação: um debate com direitos humanos

The present of liberation theology: a discussion with human rights

*Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow*

Doutorando em Teologia (EST)

### Resumo

Este artigo pretende refletir sobre como a opção da Teologia da Libertação (TdL), com olhar a partir das pessoas latino-americanas e seu contexto de sofrimento, se constitui num elemento importante de aproximação para contribuir com a discussão sobre direitos humanos. Com um olhar focado nos desafios contextuais, é necessário propor uma alocação concreta sobre direitos humanos que fomente transformação da realidade das vítimas dos processos de exclusão. O estudo aqui apresentado fará algumas pontuações iniciais sobre o tema proposto, tendo no primeiro ponto reflexões sobre a interpretação do Cristo crucificado a partir de um olhar da realidade latino-americana; no segundo tópico pretende-se conjecturar sobre a atualidade da TdL e a pertinência do seu discurso teológico para uma mudança social; por fim, no terceiro tópico tenta-se tecer aproximações com direitos humanos numa tentativa de diálogo com a realidade e alguns destaques finais plausíveis.

### Palavras-chave

Direitos Humanos. Teologia da Libertação. Atualidade.

### Abstract

This article intends to discuss with the option of Liberation Theology (LT), to look from the Latin American people and their context of suffering, constitutes an important element approach to contribute to the discussion on human rights. With a look focused on contextual challenges, is necessary to propose address specific human rights that promotes transformation of reality victims of exclusion processes. The study presented here will make some initial scores on the theme, taking the first point reflections on the interpretation of the crucified Christ from a look of Latin American reality; the second topic is intended to prejudge the relevance of liberation theology and the relevance of its theological discourse for social change; Finally, the third topic tries to weave approaches to human rights in an attempt to dialogue with reality and some final highlights plausible.

### Keywords

Human Rights. Liberation Theology. Actuality.

## Considerações Iniciais

Quando se trata da discussão sobre o fazer teológico da TdL, algumas questões importantes precisam ser discutidas. No momento atual tem-se a pretensão de sepultar a relevância da TdL para responder às questões que a pós-modernidade tem desafiado. Muitas são as vozes que acreditam na falência de uma teologia que fez a opção clara de estar ao lado das pessoas pobres. Reduziram o seu caráter teológico a uma luta de classes e de divinização de um grupo social. Desta forma, com a decadência dos movimentos populares, principalmente, ligados a luta contra as ditaduras militares, a TdL é exaurida de ter respostas pertinentes para o contexto atual, em que a exploração se tornou sedimentada e estruturada como parte intrínseca do sistema embasado pelo neoliberalismo.

É evidente que as respostas apresentadas pela TdL encontrem um campo com atores sociais diferente das décadas de 1970 e 1980, movimentado pelo engajamento político que tomava praças e ruas e tinha-se líderes que representavam a massa. Hoje, a ditadura do consumo faz parte do dia a dia do povo com ampla divulgação e apelo midiático. Mesmo as manifestações que estão acontecendo em todo o Brasil, desde meados de 2013, são incorporados pelo capital. Vive-se o tempo da liberdade inconsequente, do prazer a todo custo, da valorização humana a partir de sua ostentação. Vive-se o tempo em que as coisas consideradas cruéis e banais já não impactam e tomaram ares de normalidade e aceitação social.

Assim, neste artigo, procurar-se-á elencar alguns elementos que a TdL contribuiu quando do seu surgimento e ainda tem algo a dizer no contexto pós-moderno, tentando embasar possíveis perguntas a serem feitas. Acredita-se que a caminhada elaborada pela TdL até o momento foi marcada pelo empoderamento e pela descentralização do pensamento teológico, ousando um fazer teológico da perspectiva da pessoa oprimida, pelo olhar das pessoas que estão à margem. Esta grande conquista não pode ser simplesmente abandonada por modismos. Continuar a exercer voz e posicionamento, a partir da América Latina e do Caribe, é prosseguir com a possibilidade de mudança e constituição de uma realidade com mais justiça e menos vítimas.

## O Cristo crucificado hoje

Para incorrer numa aproximação sobre o fazer teológico da TdL, é necessário destacar a grande virada teológica proporcionada a partir da leitura latino-americana do testemunho bíblico em relação ao centro da mensagem evangélica que é o próprio Cristo. Pode-se dizer que há uma redescoberta da mensagem salvífica do Reino de Deus, proclamado em Jesus Cristo, e principalmente uma reconstrução da própria figura de Jesus. Não de uma forma a reconstruir o Jesus-histórico pretendido pela teologia europeia no último século, mas como um modo de reconhecimento de si mesmo, como povo latino-

americano, em Cristo.<sup>1</sup> Esta virada teológica encontra o centro da ferida da América Latina marcada pela colonização e pela escravidão. O Cristo apresentado eclesiologicamente tinha a posição de opressão e vinha com a espada e o chicote e, a partir de meados do século XX, usava farda militar.

A proposta contextual que procurava fazer um exercício hermenêutico consciente da realidade humana faz uma leitura de Cristo a partir do próprio Cristo e não o tornando um objeto de pesquisa. Dentro desta perspectiva hermenêutica algumas características são importantes destacar: o foco da reflexão teológica deve estar centrado na pessoa que habita a América Latina e suas necessidades, ao invés de uma transposição eclesiológica sem sentido para a vida destas pessoas; a realidade da pessoa latino-americana não pode ser encarada como um fim em si, mas deve focar na utopia como princípio-esperança; o fazer teológico deve estar ancorado no princípio da criticidade que busca um diálogo entre a igreja e a sociedade num movimento de encarnação da experiência histórica; a conversão não pode ser apenas individual, pois os desafios que a vida latino-americana enfrenta são estruturais e necessitam de uma ação organizada de forma coletiva, inserida na realidade social; a ação cristã deve ocupar um lugar central na realidade eclesial, uma primazia da ortopraxis sobre a ortodoxia.<sup>2</sup>

Este supra-sumo no qual está fundamentada a TdL enveredou profundas discussões que ainda hoje precisam ser levantadas. Percebe-se claramente que há um forte enfoque teológico em torno da fundamentação do protagonismo da pessoa cristã na vivência de sua fé relacionada com a práxis do Cristo. O testemunho evangélico não é uma atitude desinteressada, ingênua e desorganizada. Pelo contrário, ao olhar para os textos bíblicos que relatam as ações de Jesus é notável sua forma de agir que tem como foco de atenção as pessoas marginalizadas da sociedade da época. Além disso, elas correspondem a uma reflexão e ruptura com a estrutura excludente imposta pelo sistema religioso e econômico.

Esta redescoberta de Cristo veio acompanhada de uma ruptura necessária para uma releitura capaz de estar enraizada no contexto das pessoas exploradas da América Latina, a saber, uma desvinculação entre Jesus Cristo, Igreja e Reino de Deus. Sem dúvida, este é o ponto central de toda a tensão entre os teólogos da libertação e a igreja romana. Como é perceptível ao longo da história eclesiástica, a igreja institucional sempre foi acompanhada por ações que passavam ao largo da exigência incondicional da mensagem evangélica do amor. Foi imperativa, portanto, esta ruptura para que o Cristo libertador

---

<sup>1</sup> SARANYANA, Josep Ignasi (coord.); GRAU, Carmen-José Alejos (org.). *Teología en América Latina: el siglo de las teologías latinoamericanistas (1899-2001)*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2002. p. 303-304.

<sup>2</sup> BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 56-61.

fosse reconhecido e vivenciado na vida cotidiana do povo latino-americano marcado pela opressão e dominação.<sup>3</sup>

Assim, o encontro do povo sofrido da América Latina com o Cristo revelado no texto bíblico se dá no Nazareno, um homem simples e marginalizado, considerado de um lugar desprezível. A vida do povo latino-americano se encontra na vida de Jesus Cristo marcada pela pobreza e pela discriminação social. O Cristo é a realização do Reino de Deus, mas não em sua plenitude. Ele se encontrava no outro e na outra e dali se esvaziava totalmente e se realizava perfeitamente. É no encontro com Aquele que se movimenta contrariamente aos modos de sua época, traz para sua mesa as pessoas pecadoras e impuras, vai à busca das pessoas que estão abandonadas à margem, que a pessoa pobre da América Latina tem a possibilidade de vislumbrar uma realidade mais justa.<sup>4</sup>

A grande realidade de Cristo na atualidade é o túmulo vazio. No momento da ressurreição de Cristo não se pode mais experimentar a vida cristã sem a sua presença. A práxis cristã não está ancorada numa lembrança ou numa mistificação de um libertador, mas na presença real de Cristo enquanto morto de cruz, porém ressurreto em amor, e na realização da promessa do Espírito Santo. A encarnação de Cristo assume em si o início e o fim da história. É a partir d'Ele que se traça a meta histórico-escatológica. Desta forma, a ação da cristandade na imitação de Cristo não está em arremedar gestos que Ele fez, mas na profunda identificação com o ser de Jesus Cristo. Um ser que perseverava no amor, que se esvaziava no encontro com a outra pessoa, que sentia com elas e com elas buscava uma transformação da morte em vida. Este é o exemplo a ser perseguido pelos cristãos e pelas cristãs, a consumação do Cristo que se refaz da morte de cruz em vida nova e abundante.<sup>5</sup>

Porém, é preciso destacar que a ressurreição de Cristo só fará sentido se estiver embasada na identificação do povo latino-americano com o sofrimento da cruz. Sem a experiência da cruz, às quais as pessoas excluídas hoje são identificadas, ter-se-á uma reflexão desgarrada da realidade de sofrimento do povo. O evento da cruz possibilita uma re-interpretação da mensagem escatológica da ressurreição concretizada. Mesmo sofrendo e morrendo, Cristo ressuscitou e venceu o poder do pecado e da morte. Assim, também o povo espoliado pela morte das limitações de uma mera vida pode ressuscitar e romper com a opressão. É a esperança que transforma, impulsiona e responsabiliza. Frente a esta boa notícia não se pode calar, nem muito menos cruzar os braços. O túmulo vazio desafia e exige da fé o compromisso com o Reino de Deus.

Por isso é tão importante a identificação do povo com o Cristo e seu reconhecimento n'Ele. Imagens a respeito de Cristo podem ser criadas de várias formas, e

---

<sup>3</sup> SARANYANA; GRAU, 2002, p. 304-306.

<sup>4</sup> BOFF, Leonardo. *Cristologia a partir do nazareno*. In: VIGIL, José María (org.). *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 30-36.

<sup>5</sup> BOFF, 1972, p. 223-244.

assim o foram feitas, mas a pergunta essencial para o povo latino-americano é: qual é a imagem de Cristo que mais se aproxima da realidade do povo? Sem dúvida, a resposta para esta pergunta estará no Cristo Libertador, que vence a morte e traz vida, que impulsiona uma nova forma de viver a fé com o compromisso histórico do imperativo *segue-me*. Por outro lado, outras imagens alienantes sobrepuseram a imagem do Cristo Libertador. Estas imagens interpretaram a libertação histórica apenas na transcendência e aceitaram a realidade estrutural de uma forma fatalista. As mudanças que acontecem são pontuais e individuais, vinculadas apenas a elementos morais. Quer dizer, a realidade opressora está tão entranhada nas estruturas sociais que se torna quase impossível reelaborá-las.<sup>6</sup>

A discussão em torno das imagens de Cristo é importante porque é fruto de hermenêuticas que favoreciam por demais a opressão. Relacionar o Cristo com a abstração do amor, da reconciliação sem conflito ou a sua absolutização sem a relação é separar o Cristo de Jesus. A questão não é a inconformidade com os termos utilizados, que, como se pode notar, fazem parte da grandiosa mensagem de Cristo (amor, reconciliador, poder), mas, sobretudo, as intencionalidades por trás desses termos. Uma das grandes intuições da TdL foi justamente a sua opção consciente pelas pessoas pobres. Criticada como classista, tinha como base de partida para a reflexão teológica, a vida da pessoa que sofre com a miséria, a exclusão e a opressão. Quando se tira do âmbito de visão a dimensão histórica da atuação do Cristo, facilmente estar-se-á caindo num abstratismo infértil. Cristo-amor só tem sentido se for entendido no seu esvaziamento na próxima e no próximo. O Cristo-reconciliador só pode ser entendido a partir da relação de conflito que rompe com a situação de opressão. O Cristo-absoluto tem que ser entendido na relação trinitária e com o cosmos.<sup>7</sup>

Por fim, as contribuições dos CELAM's de Medellín e Puebla são importantes para uma fundamentação eclesial latino-americana na concepção do Cristo para os dias de hoje. A temática cristológica não aparece em Medellín de forma tão enfática e aborda a figura de Cristo mais ao seu ato salvífico. No entanto, as suas afirmações cristológicas são mais profundas e menos ortodoxas que as de Puebla. Neste sentido, Medellín resgata a relação de salvação com redenção, como resgate da liberdade do escravo mediante pagamento. Esta afirmação estabelece a doação total e incondicional de Cristo e seu morrer de cruz. Desta forma, a salvação trazida por Cristo tem como finalidade libertar as pessoas de todo tipo de mal. Nisto também se constitui o seu princípio de parcialidade manifestada por Medellín. O CELAM rescinde com a ideia universalista de Cristo em um nível fortemente abstrato, mas se coloca ao lado as pessoas pobres, assim como foi o centro da missão de Cristo. Reconhece que o exercício hermenêutico sobre a figura de Cristo deve

---

<sup>6</sup> SOBRINO, Jon. *Jesuscristo Libertador: lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret*. 2. ed. Madrid: Editorial Trotta, 1993. p. 25-30.

<sup>7</sup> SOBRINO, 1993, p. 30-33.

estar embasado na experiência contextual em que está inserida e, desta forma, é possível encontrar o Cristo hoje na figura das pessoas oprimidas.<sup>8</sup>

O CELAM de Puebla procura avançar as ideias trazidas por Medellín e, de certa forma, aparar certas arestas que acabaram se desdobrando após 1968. Com um olhar mais voltado para a ortodoxia, influenciado pela abertura do papa João Paulo II, procurou-se reestabelecer o caráter salvífico da figura de Cristo que demasiadamente tinha sido desvinculada de sua atuação histórica, reduzindo o Cristo a um líder político, profeta e libertador. Mesmo com este caráter doutrinal, Puebla reafirma que o constante reconhecimento de Cristo está na sempre renovada busca pelo rosto de Cristo nos dias vigentes, almejando uma legítima libertação integral. Neste sentido, o rosto de Cristo se encontra no rosto desfigurado da pessoa pobre, à qual também se dá toda a sua ação missionária. Para tanto, para conhecer a Jesus e sua missão é necessário reconhecer o seu rosto nas pessoas excluídas. São estas pessoas marginalizadas que possuem o caráter evangelizador capaz de chamar à conversão. É a partir das vítimas que a cristandade é desafiada a se solidarizar na luta por justiça.<sup>9</sup>

### **Atualidade teológica**

Após uma breve discussão sobre a virada teológica em relação ao exercício hermenêutico a partir de uma cristologia pelo olhar latino-americano, se faz necessário elaborar algumas pontuações sobre o atual momento do discurso da TdL. Cabe salientar, ainda, que há uma tentativa de incorporação das intuições propostas pela TdL por teologias surgidas recentemente, num movimento de globalização teológica. De fato, com a derrocada do socialismo, a TdL demorou um pouco a re-organizar seu discurso e a propor alternativas estruturais, mas será que uma nova nomenclatura resolverá a problemática de propostas concretas de mudanças estruturais? Ou melhor, não será possível discutir as questões visíveis de miséria e opressão sem a necessidade de um novo nome? O que está em jogo? São perguntas que não se terá como responder neste trabalho, mas que ressoam na perspectiva da discussão sobre a atualidade teológica da TdL.

Para adentrar-se no tema proposto, convém um pequeno recorte analítico do contexto atual. Basta olhar para a realidade das relações pós-modernas para se verificar que o termo liberdade tem tomado proporções gigantescas e rege contatos pessoais e comerciais. Assim, o conceito de liberdade vem carregado em seu bojo de conotações que podem corroborar com a opressão. Pela lógica neoliberal, liberdade constitui no preceito de auto-regulação do mercado, através da oferta e da procura e a livre escolha de consumir. Nesta concepção, o Estado constitui-se como regulador a favor do lucro, através do seu aparato repressivo, das ações que contrariem a liberdade neoliberal. Ele deve intervir somente quando a acumulação e o consumo são ameaçados. O Estado, então, se

---

<sup>8</sup> SOBRINO, 1993, p. 33-36.

<sup>9</sup> SOBRINO, 1993, p. 36-39.

torna uma ferramenta do mercado. As regras econômicas e sociais são ditadas pela valoração do capital, quer dizer, importa que as pessoas tenham meios de consumir para se manter o sistema aquecido. Nesta relação, tudo pode ser privatizado. Qualquer coisa pode ser considerada em potencial de se tornar propriedade privada. Também as relações humanas, também as vidas humanas, adquirem um valor pelo seu potencial de consumo.

Nesta lógica de liberdade prevalece não o amor cuidadoso com a pessoa próxima, mas todas as pessoas se tornam sistematicamente adversárias. Deixa-se ao largo a pessoa assaltada e vai-se à busca da salvação própria. Já não faz sentido ouvir e sentir os clamores da vida que estão por toda parte, mas convém focar-se em como se alcança determinadas coisas que darão uma satisfação ilusória de prazer. Nada pode ser empecilho para que o indivíduo goze dos prazeres da vida. Não importa se um produto, para ser mais mercadologicamente competitivo, use mão de obra escrava, se a satisfação individual está garantida. Aliás, não importa que o indivíduo seja explorado ao extremo em sua força de trabalho,<sup>10</sup> desde que, no fim do mês, esteja garantida a possibilidade de consumir.

Assim, a palavra liberdade assume o lugar de supra-sumo conceitual do discurso pós-moderno. Tudo se torna uma questão de liberdade. Ela precisa sempre ser mantida a todo o custo e contra tudo e todos. Usa-se o terrorismo dos fantasmas dos sistemas ditatoriais para se implantar a ditadura da liberdade irresponsável. Toda e qualquer crítica ou ação é considerada um atentado contra a liberdade, em geral, a liberdade individual. A liberdade de expressão, por exemplo, é constituída como a possibilidade do indivíduo de falar tudo que quer, na hora que quiser, sem responsabilidade alguma sobre o efeito de sua palavra. Calúnias e difamações são lançadas ao vento sem o compromisso com a realidade factual. As opiniões são manipuladas aos interesses da dominação. Assim, os indivíduos são cultivados para consumirem e adestrados para olharem para seus umbigos.

Falar da atualidade teológica da TdL também incita um posicionamento diante das diversidade de formas de se viver a religiosidade hoje. Aqui, inevitavelmente, ter-se-á uma reflexão sobre as formas de identificar e se identificar com o Cristo no contexto em que se vive. Com grande força, a imagem do Cristo que liberta vem sendo associada com uma libertação individual dentro dos moldes do sistema do consumo. Se nos inícios, com a virada teológica da TdL, se buscava trazer para a realidade de opressão do povo latino-americano o Cristo que sofreu e ressuscitou e, mais ainda, que em sua realidade histórica se colocou a favor das pessoas marginalizadas e fracas, esvaziando-se em favor da outra pelo mandamento máximo do amor, hoje percebe-se que esta libertação tem a pretensão de acontecer sem a perspectiva do outro e da outra.

---

<sup>10</sup> MÜLLER, Alois; GREINACHER, Noerbert. "Direitos humanos" como tema teológico-prático. Trad. Edgar Orth. Petrópolis, *Concilium*, n. 144, 1979. p. 4. A exploração da força de trabalho ao seu máximo também pode ser entendida como uma forma de liberdade que tem como caráter indelével a liberdade do lucro. É preciso estar atento a este tipo de conceituação, pois ao contrário de proporcionar libertação, estar-se-á corroborando para a perpetuação da injustiça.

Fato o é que a sociedade do espetáculo também alcançou o contexto teológico latino-americano. Na tentativa limitada de tentar entender estes movimentos de prosperidade, é possível alinhar os seguintes pontos. Em primeiro lugar, é tangível que os movimentos de libertação vinculados com a política de esquerda tiveram certo êxito nas décadas de 80 com as derrubadas dos sistemas ditatoriais. No entanto, as mudanças não foram tão drásticas quando estes movimentos assumiram o poder executivo. Foram muitas as decepções de pessoas que viam na ascensão de Lula ao poder, como finalmente a concretização da revolução que estabeleceria bases de justiça social. De forma alguma, tem-se a pretensão de minimizar as mudanças sociais que aconteceram a partir do governo PT em relação às minorias e o acesso a oportunidades que nunca existiram para as pessoas excluídas em nossa sociedade. Logicamente que existiram mudanças, mas talvez aquém das expectativas de mudanças sistemáticas e estruturais de sistematização econômica. Jogou-se o jogo do capital de uma forma mais de esquerda, esta é a verdade, e que, de forma alguma, se constituiu numa mudança paradigmática.

Em segundo lugar, os movimentos sociais de base foram incorporados tanto pela política quanto pela igreja. É importante ressaltar este fator, pois denota uma inexistência de oposição, seja no âmbito do Estado, seja no âmbito eclesial. A partir do momento em que os movimentos de base são colocados sobre a estrutura institucional torna-se uma tarefa ainda mais difícil questionar a relação estrutural de morte instaurada, pois significa cortar na própria carne. Além disso, a estrutura dá segurança e estabilidade. De certa forma, se alcançou certos objetivos e o grande desafio é o estabelecimento de novas metas que enfim alcancem uma mudança social consistente. Desta maneira, a oposição que se instaura reivindica demandas imediatas que não pretendem a resolução dos problemas iniciais. Este panorama é evidente quando a relação entre a bênção divina e a fé acontece de forma instantânea e concreta numa graça alcançada (cura, carro, emprego, dinheiro, casa etc). Da mesma forma, acontece na relação política em que se discute o atendimento da saúde sem resolver problemas de saneamento, moradia, alimentação etc; ou na qualidade técnica da educação sem discutir o pensar crítico.

Num terceiro ponto, também em profunda relação com os pontos anteriores, é preciso salientar que a demanda da revolução sugere uma força vital muito grande que não é possível que aconteça de forma total. As lutas por justiça social, de gênero, econômica, cultural, racial, são imensamente grandiosas. Como indivíduo não se é capaz de um engajamento por completo em todas as lutas de minorias propostas na sociedade. A tentativa da resolução de todos os problemas sociais gera a frustração quando as soluções não aparecem. Desta forma, é evidente que resolver a situação pessoal se torna mais fácil do que os problemas estruturais. Aqui convém uma intervenção no que diz respeito a fazer as perguntas essenciais. Tendo consciência da limitação individual da força



revolucionária, cabe a seleção do que é mais necessário no engajamento transformador.<sup>11</sup> É reconhecer-se como pessoa falha, pecadora e não-completa, mas não perder de vista a esperança transformadora que impulsiona a agir.

E, por fim, o quarto ponto importante a ser destacado em relação aos desafios postos na relação da TdL com as teologias pós-modernas é a desalienação da fé. Poderia até se denominar este ponto como volta às origens. É plausível e constante o se reconhecer em Cristo. Este reconhecimento tem a ver em como se faz a interpretação dos textos bíblicos e, mais, de como os discursos teológicos pós-modernos se apropriam deles. Fazer uma leitura contextualizada das passagens bíblicas com as experiências pessoais demanda também uma relação de conhecimento científico. Não é possível ignorar toda a pesquisa hermenêutica realizada até os dias de hoje e suas descobertas pertinentes que ajudaram a vislumbrar uma fé que também questiona as expressões de opressão presentes nos textos e se questiona sobre a forma de como se crê. Basta um olhar um pouco menos ingênuo para os evangelhos que se verá o profundo ato de amor de Cristo com a pessoa que é nossa próxima para, então, entender, o desafio deixado pela missão da boa notícia.

A expressão Teologia da Libertação sempre esteve carregada de um estigma socialista, por vezes, reduzida pelos seus contundentes como uma forma de fazer marxismo com teologia. Com sua opção de estar ao lado das pessoas oprimidas (perspectiva dos pobres), foi refutada como uma teologia materialista que se apega a uma dimensão da vida humana, esquecendo-se do desenvolvimento espiritual da comunidade e transferindo a centralidade da teologia em Deus para a pessoa pobre. Aquino Júnior então defende que para falarmos sobre a atualidade da TdL é necessário estabelecer alguns parâmetros do entendimento sobre a qualidade de atual. Assim, ele esmiúça quatro formas de se falar sobre atualidade: *presença, visibilidade, relevância e pertinência*.<sup>12</sup> Estabelecendo uma discriminação da concepção de atualidade, pode-se julgar ou até, de certa forma, mensurar como o discurso da TdL se faz atual na sociedade de hoje.

*Caráter de presença*: analisar a atualidade de algo pelo seu viés de presença está relacionado à concepção da existência por se fazer presente. É o primeiro parâmetro necessário para definir se algo é atual. Julga-se, em maior ou menor escala a atualidade de algo quando este se faz mais ou menos presente. O reconhecimento de sua presença acontece mesmo na sua negação, pois só se pode negar e ignorar algo que está presente.<sup>13</sup> Desta forma, o discurso da TdL é atual, pois está presente de diversas formas, desde a

---

<sup>11</sup> SEGUNDO, Juan Luis. *Massas e minorias*: dialética divina da libertação. Trad. João Gaio. São Paulo: Loyola, 1975. Para maiores aprofundamentos o livro trata sobre o tema.

<sup>12</sup> AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teoria teológica, práxis teológica*: sobre o método da Teologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 23.

<sup>13</sup> AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 23.

realização de um congresso continental<sup>14</sup> até as lutas sociais que procuram sobreviver e não sucumbir às amarras estruturais.

*Caráter de visibilidade:* ao ponderar a atualidade por este viés, está se caracterizando como algo se faz atual através da sua exposição na opinião pública. Neste ponto é necessário fazer a relação com a presença do discurso midiático. A mídia tem a pretensão de tornar real apenas o que está presente em sua pauta. Ela manipula as informações de acordo com os interesses dos grupos que detêm o poder sobre ela, de tal forma que dá a impressão ilusionista de que não há outros discursos contraditórios aos seus.<sup>15</sup> É importante ressaltar que fazer parte do discurso midiático requer concessões de preceitos fundamentais, que, como diria o dito popular é “vender a alma para o diabo”. Sempre estarão em jogo interesses que destoam de um discurso que visa vida em abundância para todas as pessoas. Assim, pode-se afirmar que a TdL não faz parte dos discursos midiáticos, ou, se preferir, é desatualizado, pois a sua opção pelos pobres não tem espaço de veiculação.

*Caráter de relevância:* a afirmação de atualidade que passa pelo caráter de relevância está baseada na sua capacidade de estar em acordo com as necessidades reais e concretas de um determinado contexto. Faz parte de como algo responde de maneira efetiva aos desafios impostos por determinadas situações. Está sempre vinculada a quem se faz relevante.<sup>16</sup> Por exemplo, para uma pessoa que está à espera de atendimento médico é relevante que sua saúde seja reestabelecida. Neste sentido, o discurso da TdL tem seu caráter atual, mas com a necessidade de responder a quem se faz relevante. Desde a perspectiva da pessoa excluída dos meios de vida digna, falar em transformação social e libertação é falar da superação de sua realidade atual, no entanto, não quer dizer que terá a mesma relevância para a pessoa que usufrui de vida digna.

*Caráter de pertinência:* no que diz respeito à atualidade, o caráter de pertinência está vinculado à relação intrínseca que algo exerce sobre algo; um não existe sem o outro, como por exemplo, a fotossíntese que está para a árvore, como a árvore está para a fotossíntese. Nesta relação é mais ou menos atual à “medida que é mais ou menos característico, próprio ou constitutivo de algo”.<sup>17</sup> Neste sentido Boff afirma de forma enfática e corrobora com a atualidade pertinente da TdL afirmando que “enquanto houver alguém gritando no mundo, sejam mulheres, afrodescendentes, indígenas, pessoas discriminadas, sempre tem sentido, a partir da fé, falar e atuar de forma libertadora”.<sup>18</sup> Fica explícito que a opção da

---

<sup>14</sup> Congresso Continental de Teologia realizado na Unisinos (São Leopoldo/RS) entre os dias 07-11 de outubro de 2012 com o tema da TdL perpassando as discussões. Mais informações em: <http://www.unisinos.br/eventos/congresso-de-teologia>.

<sup>15</sup> AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 24.

<sup>16</sup> AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 25.

<sup>17</sup> AQUINO JÚNIOR, 2012, p. 26.

<sup>18</sup> BOFF, Leonardo. Os intelectuais que têm algum sentido ético precisam falar sobre a terra ameaçada. Entrevista especial com Leonardo Boff. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, São Leopoldo, terça-feira, 16

TdL pelas pessoas que sofrem (pobre) faz parte da práxis teológica e enquanto estas existirem a TdL se fará pertinente na atualidade.

Toda a discussão sobre a atualidade da TdL não a exime dos desafios que precisam ser encarados e refletidos em seu seio. Na verdade, se porventura, se chegasse ao término deste ponto tendo no horizonte uma fórmula matemática para a resolução de todos os problemas sociais não se estaria fazendo Teologia da Libertação. Cuidados apontados por Ribeiro,<sup>19</sup> citando grandes teóricos da TdL, precisam ser considerados, principalmente, quando a base reflexiva da TdL está na práxis. A título de fechamento do ponto temático elaborado até o momento fica a sensação de que a TdL não perdeu a relevância e a pertinência para o mundo pós-moderno, no entanto, existem peculiaridades que sua articulação teológica precisa trabalhar neste novo momento histórico, visualizando uma abertura para o diálogo social. Também é manifesto que o discurso da TdL precisa apresentar algumas alternativas ou fazer as perguntas construtoras na proposição de uma realidade de justiça. Mesmo o discurso prático pode se tornar abstrato. Mesmo a pessoa pobre pode se tornar opressor em sua realidade e de alguma forma oprimir (relações de gênero, de raça, de meio ambiente etc). A transformação social é um desafio imenso que não pode ser abandonado, mas precisa, com urgência, de estratégias organizadas para a construção de uma sociedade da vida.

### Aproximações com direitos humanos

A relação religiosa com a discussão de direitos humanos acontece de forma bastante contraditória. Se, por um lado, no seio do pensamento cristão está a defesa da dignidade humana<sup>20</sup> relacionada à sua criação como imagem e semelhança de Deus, por outro, a igreja protagonizou terríveis atentados contra a vida. Boff cita três exemplos que denotam os “pecados” da igreja frente à violação dos direitos humanos: a anti-democracia hierárquica; a censura à informação e a eliminação da oposição. Estes eventos denotam a relação um tanto quanto conflitiva entre a igreja e os direitos humanos. No entanto, no Concílio Vaticano II, por exemplo, busca-se um contato com a discussão social de direitos humanos, relacionando o termo dignidade humana, que recebeu um ponto particular,

---

de outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/514475-deus-acredita-em-todos-os-seres-humanos-entrevista-especial-com-leonardo-boff>>. Acesso em: 16 outubro 2012.

<sup>19</sup> RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. A Teologia da Libertação morreu? um panorama da teologia latino-americana da libertação e questões para aprofundar o debate teológico na entrada do milênio. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 63, n. 250. p. 320-353, 2003. O autor faz um recorte panorâmico da TdL apresentando algumas críticas elaboradas pelos próprios teóricos da TdL e sugerindo perspectivas importantes para o desenrolar da atuação teológica da TdL na atualidade.

<sup>20</sup> FOLLMANN, Ivo. A problemática dos direitos humanos e a Igreja Católica. In: KEIL, Ivete Manetzeder; ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de; VIOLA, Solon Eduardo Annes (orgs.). *Direitos humanos: alternativas de justiça social na América Latina*. São Leopoldo: UNISINOS, 2002. p. 145-156. O autor apresenta entre os documentos da Igreja Católica a relação sempre presente da defesa da dignidade humana.

como o reconhecimento de liberdade de toda pessoa.<sup>21</sup> No ponto anterior, o tema da liberdade teve uma pequena incisão e não se pretende adentrar no tema novamente, mas a liberdade deve estar atrelada à responsabilidade, não no nível de “termina onde começa a do outro”, senão que a liberdade individual deve estar atrelada à consciência relacional com a outra pessoa, quer dizer, deve estar a serviço.

Mesmo contraditoriamente, o contato teológico com os direitos humanos é um ponto de partida viável para uma incisão dentro das discussões de transformação da sociedade. Vislumbrando uma diversidade religiosa, política, econômica e cultural, somente o discurso evangélico não é suficiente para impactar uma ação majoritária dos indivíduos que compõem a sociedade. É preciso um ponto de encontro que, à luz do evangelho, se possa exercitar o ato político de mudança. Em geral, quando se fala em direitos humanos, há vozes, em sua maioria, que defendem e acreditam serem preceitos acima do bem e do mal. No entanto, também numa discussão extremamente honrável existem interesses subterrâneos que precisam ser cavados e explicitados. Mesmo os Estados que assinaram as declarações humanitárias infringem os direitos humanos. Mesmo que o sistema capitalista, influenciado pelo iluminismo, tenha concebido dentro de seu ambiente uma legislação que defenda a vida de todas as pessoas, a sua engrenagem maior (lucro) continua a torná-la uma mera vida de subsistência.<sup>22</sup>

Neste sentido, uma grande contribuição que a TdL pode proporcionar é sua conscientização frente à realização contextual dos direitos humanos. A vigilância responsável frente ao desafio da práxis de Cristo de esvaziamento em favor da outra pessoa deve ser o critério central na tomada de consciência das intenções por trás da discussão de direitos humanos. Não quer dizer que a reflexão teológica tomaria para si uma posição sobre o bem e o mal, mas a partir do desafio evangélico trazer em nível da responsabilidade relacional a discussão sobre o assunto. Aqui o grande mandamento do amor pregado e vivenciado por Cristo tem grande valor. Não um amor ingênuo que se rebaixa frente às injustiças, mas, pelo contrário, um amor irrequieto pela responsabilidade com a justiça.<sup>23</sup> Um amor restaurativo que re-estabelece as relações e dali cria novas formas de relacionamento pautadas pelo respeito mútuo responsável.

Na perspectiva da responsabilidade, os direitos humanos também assumem o rosto da pessoa que mais necessita de que o direito a vida seja respeitado, a saber, a pessoa pobre. Na designação “pobre” está implícita não só uma relação classista, mas também todas as minorias que têm seus direitos pisoteados pelo Estado e pelas elites dominantes. A relação da responsabilidade qualifica os direitos humanos numa ação não só individual,

---

<sup>21</sup> BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante*. ed. revista. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 83-94.

<sup>22</sup> WACKENHEIM, Charles. O significado teológico dos direitos humanos. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. *Concilium*, Petrópolis, n. 144, 1979. p. 60.

<sup>23</sup> WACKENHEIM, 1979, p. 61-62.

mas também coletiva. Não basta resolver o problema da miséria para uma família se milhões ainda continuam sofrendo com ela; não basta resolver a fome de um grupo social através de assistencialismos se milhões de pessoas não têm o que comer e se as pessoas que comem hoje não têm como se sustentar amanhã; não basta incluir algumas crianças com deficiência na escola se na maioria dos espaços sociais as pessoas com deficiência não têm acesso. Transformar um problema social requer uma ação estratégica que conflua para a extinção do problema em si. Não quer dizer que as pessoas não devam acessar os seus direitos individuais, no entanto, para as pessoas pobres acessar os direitos de forma individual é insuficiente.<sup>24</sup>

É importante destacar ainda para o que Martins chama de “fetichização da ideia de exclusão”. Na visão do autor, atualmente, vive-se uma realidade social em que se caracteriza todo tipo de pobreza no estigma da exclusão e que por ser tão genérico acaba não dizendo nada. Ao invés de se falar em exclusão é necessário refletir sobre os processos excludentes. Existem pessoas que são vítimas dos processos excludentes sociais, políticos e econômicos e não uma categoria sociológica contrastante de pessoas excluídas. Na atual sociedade existe um consumo dos individualismos e uma padronização ideológica. A pessoa que mora na favela consegue acessar o mundo do glamour pela tela colorida da TV da mesma forma que a pessoa que mora no Leblon.<sup>25</sup> Esta ideia de “igualdade” se tornou necessária graças ao desenvolvimento do capitalismo regido por relações contratuais. Assim, o/a trabalhador/a precisa ser livre (igual ao/à patrão/oa) para poder estabelecer um contrato de venda da sua força de trabalho. Nesta condição, a força de trabalho, que antes estava intrinsecamente ligada ao trabalhador, torna-se desvinculada de tal e passível de ser comercializada como uma mercadoria. Desta forma, a criação da ideia de inclusão social torna-se mais degradante do que a própria face da exclusão.<sup>26</sup>

Em face desta designação categórica de exclusão, cria-se um estigma em que nem sempre a pessoa caracterizada se reconhece. De fato, aqui habita uma grande problemática no que diz respeito aos direitos humanos e ao protagonismo social.<sup>27</sup> A designação social aos sujeitos de direitos por parte do Estado não significa uma atuação social como sujeitos. Ser reconhecida como pessoa plena, detentoras de direitos não se automatiza numa atuação histórica de luta pela concretização destes direitos. Para que a pessoa que se encontra à margem dos processos sociais, econômicos e culturais assuma um papel de protagonismo social é preciso que ela se reconheça como sujeito de direitos e como

---

<sup>24</sup> GALILEA, Segundo. A igreja da América Latina na luta pelos direitos humanos. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. *Concilium*, Petrópolis, n. 144, 1979. p. 111-113.

<sup>25</sup> MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 11-22.

<sup>26</sup> MARTINS, José de Souza. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 27-28.

<sup>27</sup> ALVES, José Augusto Lindgren. Cidadania, direitos humanos e globalização. *Ensaio*, Rio de Janeiro, n. 28, 2000. p. 351-371. O autor faz uma reflexão interessante em seu artigo no que diz respeito à atuação cidadã em tempos de globalização. O tema vem a calhar com a proposta de protagonismo social, no entanto, neste momento não serão feitos maiores detalhamentos.

protagonista dentro da realidade contextual em que está inserida.<sup>28</sup> Pelo contrário, quando este movimento interno de reconhecimento não acontece acaba por se restringir à invisibilidade social. Este é um desafio imenso e um momento oportuno na busca de transformação social pelo viés dos direitos humanos.

Esta reflexão sobre os sujeitos concretos da exclusão é importante, pois vai de encontro com uma discussão que tenta superar uma declaração metafísica dos direitos humanos.<sup>29</sup> Na pretensão de serem universais, os direitos humanos são maquiados como direitos de um grupo de pessoas, que, em geral, já estão resguardados economicamente, socialmente e culturalmente. Quando se concretiza para e desde quem se fala de direitos humanos, se possibilita uma atuação de luta de direitos, se constituindo como sujeitos em construção. Para tanto, a perspectiva histórica de construção de direitos humanos precisa estar no horizonte. É uma tentativa de tornar os direitos humanos não em privilégios para aquelas pessoas que já alcançaram de certa forma as suas garantias individuais, mas que realmente esteja em defesa da vida. Os direitos humanos devem alcançar as pessoas que mais padecem, a saber, nas vítimas dos processos de exclusão.<sup>30</sup>

Desta forma, a realização dos direitos humanos acontece numa relação dialética entre negação e afirmação. Verifica-se a realidade em que pessoas são constrangidas da vida. Então, se nega a ideologização abstrata e metafísica dos direitos humanos e sua universalização buscando suas raízes históricas e verificando sob quais interesses estes foram constituídos.<sup>31</sup> Para, enfim, se afirmar que aqueles direitos destinados a um grupo de pessoas também devem ser resguardados àquela que estão sendo violadas.<sup>32</sup> Esta afirmação posterior dos direitos humanos, daí sim universal, impulsiona para que se lute em busca da anulação da realidade negadora de direitos. Decerto, se manifesta a realização da utopia com a denúncia necessária para o desenvolvimento de um processo de concretização da justiça.<sup>33</sup>

---

<sup>28</sup> MARTINS, 2002, p. 32.

<sup>29</sup> DEMO, Pedro. *Charme da exclusão social*. Campinas: Autores Associados, 1998. p. 8. No que diz respeito à relação entre direitos humanos, democracia e sistema capitalista o autor assinala que “superestimar o valor das democracias capitalistas, deixando de perceber que, em última instância, o parâmetro do mercado é mais decisivo que o dos direitos humanos; não deixa de ser uma grande ironia que democracia e direitos humanos, como os vemos hoje no mundo, foram forjados em ambiente capitalista liberal; mas isto, em vez de redimir o capitalismo, revela apenas seus limites”.

<sup>30</sup> ELLACURÍA, Ignacio. Historización de los derechos humanos desde los pueblos oprimidos y las mayorías populares. In: BARTOLOMÉ RUIZ, Castor M. M. *Justiça e memória: direito à justiça, memória e reparação: A condição humana nos estados de exceção*. São Leopoldo: Casa Leiria; Passo Fundo: IFIBE, 2012. p.348-351.

<sup>31</sup> ELLACURÍA, 2012, p.352. O autor destaca que, em geral, os direitos conquistados por declarações como, por exemplo, a de Virgínia (1776) e da Revolução Francesa (1789, 1793) tinham como destinatários um grupo especial de pessoas: ingleses, homens, brancos; burgueses, franceses; por isso, a pretensão universalista precisa ser revista dentro da história e, em primeiro momento, negada.

<sup>32</sup> ALVES, 2000, p. 367. O autor destaca que, mesmo com os avanços proporcionados pelos direitos humanos em tempos de globalização, há profundas limitações destinadas a determinados grupos ou indivíduos que conseguem respaldo efetivo de seus direitos.

<sup>33</sup> ELLACURÍA, 2012, p. 353-354.

Como destaque final das possíveis aproximações entre a TdL e os direitos humanos cabe salientar que o compromisso social cristão adverte para a busca incessante por justiça, não como justiceiro fora da lei, mas na precipitação de prática de justiça. Para tanto, sua atuação política deve estar embasada na realização de uma politização autêntica que remonta à caracterização de Aristóteles do ser humano como animal político. Desta forma, utilizar-se-á de uma ferramenta analítica que buscará entender como se constituem os mecanismos que geram pobreza e violação dos direitos humanos, e de uma ferramenta prática que terá como horizonte a organização que torne possível a transformação. Assim, torna-se imperativo a participação social visando à realização de uma sociedade mais justa e do rompimento com gestos que violam os direitos humanos.<sup>34</sup>

### Considerações finais

Tentou-se no decorrer deste artigo elucidar, a partir de uma linha condutora, o discurso teológico da TdL dentro da atualidade e as possibilidades de encontro com a temática de direitos humanos. Fica claro que o papel profético de denúncia dos processos de exclusão que vitimiza grande parte da população latino-americana precisa ser exercido com urgência. As pessoas clamam por mais vida, não uma vida de subsistência, mas por vida abundante; as pessoas clamam por justiça que restaure as injustiças cometidas no passado para o exercício de perdão e a construção de uma nova realidade; as pessoas clamam por uma sociedade pautada pelo equilíbrio social e que tenha como base uma melhor distribuição de renda e do acesso aos meios de vida, não por uma inclusão discriminatória, mas por uma participação protagonista. É preciso atentar-se a estes clamores, que de tanto gritar está rouco e, por vezes, sem voz. Ouvir a voz de quem não tem como falar é imperativo para a construção de uma realidade transformada.

Neste sentido, a contribuição da TdL é importante e extremamente pertinente por ter no seu bojo um olhar para quem está à margem. É um movimento que contraria a lógica dominante, que busca no exemplo de Jesus Cristo o seu fundamento para contrariar os desejos opressores e promover oportunidades de mudança. Não se pode calar frente aos desafios contextuais que teimam em considerar a vida como mero instrumento para objetivos individuais. A luta cristã por igualdade deve ser conduzida pela consideração da outra pessoa no reconhecimento de seu semelhante e pautada pelo amor. Não um amor ingênuo e alienado, mas um amor que exerça a responsabilidade com a transformação social de estruturas de exclusão, que caminhe junto com as pessoas ao longo do caminho e que vai ao encontro de quem está na beirada. Assim, é possível dialogar e fazer aproximações entre esferas que se tratam distintas, mas que se encontram e podem transformar.

---

<sup>34</sup> BOFF, 2005, p. 61-78.

## Referências

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Teoria teológica, práxis teológica: sobre o método da Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2012.

ALVES, José Augusto Lindgren. Cidadania, direitos humanos e globalização. *Ensaio*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 351-371, 2000.

BOFF, Leonardo. Cristologia a partir do nazareno. In: VIGIL, José María (org.). *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. *Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante*. ed. revista. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. Os intelectuais que têm algum sentido ético precisam falar sobre a terra ameaçada. entrevista especial com Leonardo Boff. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, São Leopoldo, terça-feira, 16 de outubro de 2012. Disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/514475-deus-acredita-em-todos-os-seres-humanos-entrevista-especial-com-leonardo-boff>>. Acesso em: 16 outubro 2012.

DEMO, Pedro. *Charme da exclusão social*. Campinas: Autores Associados, 1998.

ELLACURÍA, Ignácio. Historización de los derechos humanos desde los pueblos oprimidos y las mayorías populares. In: BARTOLOMÉ RUIZ, Castor M. M. *Justiça e memória: direito à justiça, memória e reparação: a condição humana nos estados de exceção*. São Leopoldo: Casa Leiria; Passo Fundo: IFIBE, p. 347-359, 2012.

FOLLMANN, Ivo. A problemática dos direitos humanos e a Igreja Católica. In: KEIL, Ivete Manetzeder; ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de; VIOLA, Solon Eduardo Annes (orgs.) *Direitos humanos: alternativas de justiça social na América Latina*. São Leopoldo: UNISINOS, p. 145-156, 2002.

GALILEA, Segundo. A igreja da América Latina na luta pelos direitos humanos. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. *Concilium*, Petrópolis, n. 144, p. 107-113, 1979.

MARTINS, José de Souza. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MÜLLER, Alois; GREINACHER, Noerbert. “Direitos humanos” como tema teológico-prático. Trad. Edgar Orth. *Concilium*, Petrópolis, n. 144, p. 3-6, 1979.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. A Teologia da Libertação morreu? um panorama da teologia latino-americana da libertação e questões para aprofundar o debate teológico na entrada do milênio. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 63, n. 250, p. 320-353, 2003.



SARANYANA, Josep Ignasi (coord.); GRAU, Carmen-José Alejos (org.). *Teología en América Latina: el siglo de las teologías latinoamericanistas (1899-2001)*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2002.

SEGUNDO, Juan Luis. *Massas e minorias: dialética divina da libertação*. Trad. João Gaio. São Paulo: Loyola, 1975.

SOBRINO, Jon. *Jesuscristo Liberador: Lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret*. 2. ed. Madrid: Editorial Trotta, 1993.

WACKENHEIM, Charles. O significado teológico dos direitos humanos. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. *Concilium*, Petrópolis, n. 144, p. 55-62, 1979.

[Recebido em: agosto de 2014

Aceito em: outubro de 2014]